

UM MAR DE SENTIDO NUM MAR DA LITERATURA CABO-VERDIANA

A SEA OF MEANING IN THE SEA OF CAPE VERDEAN LITERATURE

Guilherme OLIVEIRA*

Resumo: Este artigo visa objetivar os múltiplos sentidos que o mar enforma na literatura cabo-verdiana. Para tal, efetua-se uma análise literária de excertos textuais, em prosa e líricos, de autores cabo-verdianos, sobretudo dos modernistas. Assim, a partir de excertos de obras de autores como Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Teixeira de Sousa, passando por outros das gerações do *Suplemento Cultural e dos Novíssimos*, pudemos perscrutar os diferentes sentidos que o mar vai adquirindo na literatura e na cultura cabo-verdianas. Da análise empírica empreendida, pudemos pontuar, dentre outros, que este item lexical simboliza ganha-pão, caminho, subtração, evasão, confidente, identidade, regresso, vida, tragédia... Sempre que possível, fomos referindo e estabelecendo analogias com outras literaturas de caráter universal ou outras que nos são próximas dada a nossa relação histórica e cultural. Do mesmo modo, através da interdisciplinaridade, recorremo-nos, ainda que pontualmente, à música e a outras áreas de atividade humana e cabo-verdiana, como à gastronomia, à música, ao folclorismo, para dissecarmos como a palavra é observada na nossa cultura. Deste modo, por tudo o que ficou demonstrado, através das análises, corroboramos com a tese de que a literatura cabo-verdiana e a sua cultura são essencialmente marítimas como foi defendido pelo ensaísta português Alfredo Margarido (1980). Sinalizou-se, por outro lado, um conjunto de textos poéticos de outros autores nos quais se devem centrar os estudos num tempo futuro para se aperceber se esses significados descortinados continuam a irromper-se.

Palavras-chave: Mar; Múltiplos Sentidos; Literatura Cabo-verdiana.

Abstract: This article aims to objectify the multiple meanings that the sea shapes in Cape Verdean literature. To achieve this, a literary analysis of textual excerpts, in prose and lyrical, from Cape Verdean authors, especially modernists, is carried out. Drawing on works by authors such as Baltasar Lopes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, and Teixeira de Sousa, as well as others from generations of the *Suplemento Cultural* and *Novíssimos*, the study examines the diverse significances the sea assumes in Cape Verdean literature and culture. The empirical analysis points out that this lexical item symbolizes livelihood, pathway, subtraction, escape, confidant, identity, return, life, tragedy and more. Where relevant, analogies are made with other literatures, both universal and culturally related, to enrich the discussion. Additionally, through an interdisciplinary approach, occasional references are made to music and other areas of human and Cape Verdean activity, such as gastronomy, music, and folklorism, to illustrate how this lexical item permeates Cape Verdean culture. Thus, based on the analyses, on the one hand, the study corroborates the thesis proposed by Portuguese essayist Alfredo Margarido (1980), asserting that Cape Verdean literature and culture are fundamentally maritime. On the other hand, it highlights a selection of poetic texts by other authors, suggesting the need for future research to determine whether these meanings continue to evolve.

Keywords: Sea; Multiple Meanings; Cape Verdean Literature.

*Doutorado em Estudos Portugueses – Especialidade em Linguística Portuguesa pela Universidade Aberta, Portugal. Colaborador da Universidade de Cabo Verde (Uni-Cv/FCSHA). E-mail: guilherme.oliveira@docente.unicv.edu.cv.

Introdução

O mar configura-se, entre nós, parte da nossa mundividência, isto é, da nossa cosmologia, como cabo-verdiano, pois nos cerca, a não sermos um país insular, perdido no meio do oceano Atlântico. Nas palavras de Margarido, ensaísta português, “justifica-se que se diga que a poesia cabo-verdiana e, mais latamente, toda a sua cultura sejam uma cultura marítima” (Margarido, 1980, p. 406).

Ovidio Martins, poeta e ficcionista da geração do *Suplemento Cultural*, no seu poema “Nós Somos os Flagelados do Vento Leste”, não teve dúvidas ao afirmar que “o mar nos transmitiu a sua perseverança” e a sua solidariedade para que pudéssemos sobreviver a todas as tormentas, tornando-nos mais resilientes. Ainda que esquecidos pela solidariedade dos nossos irmãos, uma alusão ao colonizador, foram “as vozes do mar” que nos acudiram: “E as vozes solidárias que temos sempre escutado /São apenas as vozes do mar” (Martins, 2015, p. 11-12). Estes versos metaforicamente são representativos de como o mar nos escolta e não nos abandona mesmo nos momentos mais difíceis, numa declarada referência ao desamparo da terra *pater*, Portugal, num dado momento da nossa história.

Uma parte considerável da nossa cosmovisão gira, verdadeiramente, em torno do mar. Está impregnado em quase todas as áreas da atividade cabo-verdiana, emergindo-se na literatura, música, pintura, comércio, gastronomia, podendo mesmo afirmar-se que faz parte da nossa idiossincrasia. Jorge Barbosa, poeta da moderna poesia cabo-verdiana, um dos fundadores da revista *Claridade*, no seu icónico texto “Poema do Mar, refere mesmo que o mar se manifesta “(...) no canto da morna / no corpo das raparigas morenas, / nas coxas ágeis das pretas, / no desejo das viagens que ficam em sonhos de muita gente” (Ferreira, 1988, p. 97-98). Corresponde afirmar que o mar é música, dança, sensualidade e desejo de emigração. É sobre este último aspeto que o articulista Daniel Medina assegura que:

o caso paradigmático de Cabo Verde é, de igual forma, pertinente e apresenta-se extraordinário para análise, porquanto, as chegadas e as partidas imbricavam o mar. Com as suas dores e alegrias, angústias e vitórias, revoltas e construção de novas vidas o mar é omnipresente. Cercado pelo mar e na impossibilidade de o confrontar diretamente, o melhor era e foi tornar-se seu aliado. A resposta está nos inúmeros textos e nas músicas que se continuam a produzir retratando o passado e o presente (Medina, 2015, p. 178).

Na verdade, pelas mãos de muitos poetas e ficcionistas cabo-verdianos, o mar tem merecido uma atenção especial. Em Barbosa, poeta supramencionado, é ponto obrigatório para quem queira dedicar-se ao estudo deste tema na literatura cabo-verdiana (Rodrigues, 1989). No seu primeiro livro *Arquipélago* (1935), publicado um ano antes da revista *mater Claridade*, o autor presenteia-nos com o poema “Panorama”, o qual é bastante revelador sobre a nossa origem, como país, emergindo o mar. Realmente, este texto nada mais é do que um cartão de visita preñado de um intenso simbolismo na definição da nossa cosmogonia ainda que num cenário mítico e cataclítico, como se faz notar o mentor da *Claridade* com os versos: “Destroços de que continente / de que cataclismo / de que sismos / de que mistérios? // ilhas perdidas no meio do mar/esquecidas / num canto do mundo (...)”.

O ficcionista e ensaísta do Fogo, Teixeira de Sousa, autor de obras de referência cabo-verdiana da segunda vaga de escritores claridosos, fez, de igual modo, o mar um tema quase que transversal às suas narrativas, quer em contos, quer em romances, a não serem os títulos dessas obras bastante sintomáticos: *Contra Mar e Vento* (1972), *Capitão da Terra e do Mar* (1984), *Ilhéu de Contenda* (1978), *Ó Mar de Túrpidas Vagas* (2005). Noutros romances, como *Chiquinho* (1947), de Baltasar Lopes, *Chuva Braba* (1956), de Manuel Lopes, o mar faz-se, ao mesmo tempo, representado.

No artigo intitulado “Osvaldo Alcântara, o caçador de heranças: ensaios”, o seu autor, Gabriel Mariano, poeta e crítico literário, um conhecedor profundo da cultura cabo-verdiana, pertencente à revista *Suplemento Cultural*, faz a seguinte leitura que, a nosso ver, é uma exceção à regra:

A inquietação marítima tem os seus expoentes em Jorge Barbosa e Manuel Lopes. Na poesia de Osvaldo Alcântara, pseudónimo poético de Baltasar Lopes, o mar não existe. Se aparece é de modo incidental, acidental e inconsequente (Mariano, 1991, p. 4).

A este poeta, podemos acrescentar o novelista são-vicentino António Aurélio Gonçalves, cuja obra centra a sua preocupação sobretudo acerca da sociologia urbana (Gonçalves, 1989) das gentes do Mindelo.

Salvas estas raras exceções, é justo, também, reiterar que uma parte considerável da literatura dos escritores modernistas cabo-verdianos debruça-se sobre motivos marítimos. Assim, na sua cultura literária, o signo mar torna-se plurissignificativo, fazendo irromper sentidos, como tragédia, isolamento, evasão, ganha pão, confidente, ida,

regresso, saudade, separação, superação, esperança, sonho, liberdade, companheirismo, sensualidade, vida, superstição, entre outros. Preferiríamos mesmo que este signo encerra uma multiplicidade de sentidos que só se compara à sua imensidão, como de resto, notado por Veiga (1986) na sua comunicação intitulada “Signos e Símbolos em Jorge Barbosa: uma tentativa de análise semiológica”, apresentada aquando da comemoração do 50º aniversário da Revista *Claridade*.

Com este breve ensaio, pretendemos navegar, perscrutando na literatura e, pontualmente, na música cabo-verdianas, os múltiplos sentidos que o mar acarreta. Para tal, no itinerário a ser percorrido, vamos aleatoriamente elegendo alguns excertos de textos - líricos e em prosa - de autores cabo-verdianos -, mormente a partir dos modernistas, numa perspectiva historicista para justificar os nossos argumentos sem, no entanto, fazer deles uma verdade absoluta, pois na literatura a verdade é o que menos importa.

O mar como *leitmotiv* de literaturas que nos são familiares

O mar tem sido, ao longo dos tempos, *leitmotiv* de muitas literaturas. Basta lermos, por exemplo, as duas obras épicas, a *Odisseia* (2003) e a *Iliada* (2005), de Homero. Na segunda, por exemplo, no canto I, o mar afigura-se nalgumas passagens às sensações de medo, apreensão, vingança, cólera e sorte.

Como se sabe, ao longo da história literária, o mar serviu, por um lado, de cenário onde os heróis desbravaram as mais duras batalhas, fazendo-lhes transcender e conquistar a glória registada para a posteridade. O mar representou, por outro lado, uma personagem oponente, com vida própria, capaz de interferir nas grandes decisões humanas. Na cultura helénica, a que serve de *arquetipus* da cultura ocidental, há um deus do mar, neste caso, *Posêidon*, traduzido por *Neptunus* na latina, responsável por todos os empreendimentos marítimos. Na edificação dos muros de Tróia, auxiliou o rei a troco de uma recompensa, a qual lhe foi sonogada e, em retaliação, apoiou os gregos a saquearem a cidade troiana enviando um mostro marinho (Soares, 2016). Noutras latitudes, como na Nigéria e no Brasil, há uma rainha do mar – Yèyé e Iamanjá, respetivamente - protetora dos navegadores -, responsável pelo destino daqueles que nele se aventurem.

Noutras literaturas, destacando-se a portuguesa, que nos é próxima, dada a nossa histórica relação de descoberta e povoamento, o mar mereceu uma menção especial. Em *Os Lusíadas* (1999 [1572]), obra fundadora da nação portuguesa, serviu de cenário dos

mais duros empreendimentos portugueses, para que pudessem alcançar o Oriente, porém, com nefastas e incomensuráveis consequências para o seu povo. Implicações essas profetizadas pelo Velho do Restelo, no canto IV – das oitavas XCIV a CIV de *Os Lusíadas* de Camões (1999 [1572]).

Na obra *Mensagem*, o modernista português Fernando Pessoa, um dos maiores vultos da cultura lusitana, concebeu a mesma atenção ao mar. Na verdade, verificamos algumas composições líricas em que o item lexical é a palavra-chave, sobretudo nos poemas da 2ª Parte: “Mar Português” (Pessoa, 2004 [1934, p. 60]) e “Mostrengo” (Pessoa, 2004 [1934], p. 52-53). No primeiro, para enaltecer os feitos portugueses, retrata a glória e as consequências das conquistas dos portugueses no Oriente por via marítima, como se depreende dos versos: “(...) quantas mães choraram, / Quantos filhos em vão rezaram! / Quantas noivas ficaram por casar/Para que fosses nosso, ó mar! / (...) Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que se espelhou o céu/.” (Pessoa, 2004 [1934], p. 60). Embora estas perdas e temores, foi através dele que se logrou a fama. Hodiernamente, o povo lusitano é mundialmente conhecido pelos feitos ilustres via marítima. No segundo, realça o quão difícil foi superar os desafios impostos pelo mar: “O mostrengo que está no fim do mar (...) / E disse: ‘Quem é que ousou entrar/Nas minhas cavernas que não desvendo, / Meus tectos negros do fim do mundo?’ / E o homem do leme disse, tremendo.” (Pessoa, 2004 [1934], p. 52).

Outros autores elegeram o mar como cenário das suas mais diversificadas e ficcionadas narrativas. Podemos mencionar, nesta ordem cronológica, Sophia de Mello Breyner Andresen com a obra *Histórias da Terra e do Mar*; Ernest Hemingway, com *O Velho e o Mar*; Jack London, com *O Lobo e o Mar*; John Banville, com *O Mar* e Jorge Amado, com *O Mar Morto*.

Mar como fonte de sustento

É do conhecimento geral, e como nos elucidava Luz (2020, p. 125-126), um dos mais emergentes pesquisadores sobre a emigração na literatura do nosso arquipélago, Cabo Verde, país insular, ao longo da sua curta história, como nação, sofreu muito com os flagelos da seca cíclica. Algumas obras literárias em prosa, principalmente, as dos claridosos, como os *Flagelados do Vento Leste* (1959), *Chuva Braba* (1956), *Chiquinho* (1947), de Manuel Lopes e Baltasar Lopes, respetivamente, assim como *Famintos* (1975), de Luís Romano, autor mais contemporâneo relativamente aos primeiros, só para

mencionarem estes, dedicaram-se longas páginas a este fenómeno que, infelizmente, ceifou a vida de muitos cabo-verdianos. Tal fenómeno encontra-se equiparação na literatura nordestina brasileira, cujo povo padecia, analogamente, dos mesmos males, porquanto aquela região, também enfrenta as secas cíclicas. Muitos dos seus habitantes, os conhecidos retirantes, na literatura e cultura brasileiras, descolaram-se do Norte para o Sul à procura de melhores condições de vida, sobretudo, nas grandes cidades. Significa dizer que a solução para o problema das secas se encontrava dentro do país. Cá, em Cabo Verde, devido à insularidade para se escapar à fome, dada a escassez, o mar representou uma tábua de salvação, ou melhor, a esperança. Assim, muitos, numa primeira fase, utilizaram-no, como caminho para o sustento, através da emigração. Inicialmente, dedicaram-se à pesca da baleia e, por essa via, chegaram aos Estados Unidos da América. Luz (2020), para enfatizar esta ideia, reitera que:

o contacto do homem islenho com as dificuldades aumentava a expectativa de emigrar, surgindo, dessa forma, como a solução e esperança possíveis para superar as adversidades do quotidiano. Assim, podemos dizer que a partir do século XVIII, com o recrutamento de cabo-verdianos para trabalharem na pesca da baleia, setor económico muito importante na altura, pelo interesse do seu óleo na curtição de peles, de couros, e, na iluminação nos Estados Unidos da América, se começou a verificar a saída de grande número de cabo-verdianos à procura de melhores condições de vida e uma consequente ascensão social (Luz, 2020, p. 125-126).

Na moderna literatura cabo-verdiana, esta realidade aparece, muitas vezes, aludida, ora na lírica, ora em prosa. Vejamos, a título exemplificativo, os trechos dos poemas “Irmão” e “Poemas do mar”, do poeta claridoso supramencionado Jorge Barbosa: “Cruzaste mares /na ventura da pesca da baleia/ nas viagens para a América/ onde às vezes os barcos não voltam mais” (Ferreira, 1988, p. 91); ou: “(...) O Mar! Saudades dos velhos marinheiros contando histórias de tempos passados/histórias da baleia que uma vez virou a canoa...” (Ferreira, 1988, p. 98). Nesta mesma linha de raciocínio, Medina deixa claro que, para o cabo-verdiano, o mar:

postula-se como solução e fuga aos problemas do território insular. E a América é, no sentido inicial, o lugar paradisíaco, onde poderia resolver os seus problemas económicos. Muitos, num passado ainda recente tinham como objetivo de vida uma viagem em direção à terra longe. No entanto, pelo caminho vai sobressaindo, paulatinamente, uma outra percepção, a do sonho (Medina, 2015, p. 175).

Em *Chiquinho*, romance fundador dos pilares da moderna literatura cabo-verdiana, o mar é mencionado, como espaço de sustento, navegado metaforicamente por heróis na pesca da baleia: “Gostaria de ser como ele, e sair a percorrer mares na pesca da baleia, conhecendo terras. Admirava a sua vida heróica. Havia em casa um quadro que representava uma cena da pesca da baleia” (Silva, 1997, p. 58).

O mar é a razão pela qual o protagonista, com algum orgulho, a um dado momento, exhibe a sua casinha construída com dinheiro ganho no mar pelo avô. Na verdade, a superação de todas as adversidades, que advêm deste árduo labor, é o motivo para se regozijar e valorizar o material alcançado:

O destino fez-me conhecer casas bem maiores, casas onde parece que habita constantemente o tumulto, mas nenhuma eu trocaria pela nossa morada coberta de telha francesa e emboçada de cal por fora, que meu avô construiu com dinheiro ganho de-riba da água do mar. Mamãe-velha lembrava com orgulho a origem honrada da nossa casa. Pena que o meu avô tivesse morrido tão novo, sem gozar diretamente o produto do seu trabalho (Silva, 1997, p. 13).

O mesmo acontece com a personagem Nhô João, na mesma obra, ao reiterar a honradez das suas posses conseguidas, como emigrante, em que o dinheiro angariado no trabalho marítimo se revela sagrado, dadas as dificuldades superadas, ideia esta que merece anuência por parte da personagem Mamãe Velha, como se confirma, a seguir, no excerto do romance:

Nhô João não era capaz de falar sem meter o mar nas suas conversas. Tinha-lhe um amor quase supersticioso. Abaixava a cabeça e dizia, de braços estendidos em direção ao mar:

- Não tenho brincadeira com aquele tanque grande. E explicava que quase tudo o que tinha comprara com as soldadas ganhas no mar.
- Dinheiro sagrado, velha...
- Eu sei, Nhô João. O falecido foi assim que adquiriu o que nos deixou.
- Moço direito velha (Silva, 1997, p. 58).

No romance *Chuva Braba* (Lopes, 1985), uma das outras obras marcantes na ficção moderna cabo-verdiana, o mar serve, na mesma medida, como espaço onde Joquinha, uma das personagens principais, encontra inicialmente amparo para a sua subsistência, pois, como cozinheiro de um veleiro, conhecera os quatro cantos do mundo, como se constata nesta passagem.

O destino andou com ele sobre as águas do mar durante um ror de anos – dez ou doze, já não se lembrava – puxando-o ora para um vapor, ora para outro, com gregos, com chineses, com noruegueses, com americanos; naufragou duas

vezes, num dos naufrágios passou seis horas dentro da água bem fria; levou-o ao Japão, à China guiou-o à toda aos cinco continentes, ensinou-lhe a miséria e a ambição dos povos, a luta brava de várias latitudes, cansou-o da vagabundagem, desembarcou por fim em Buenos Aires (Lopes, 1985, p. 84-85).

No texto lírico de Oswaldo Osório, poeta da geração dos novíssimos, intitulado “Holanda”, dedicado aos “valentes marinheiros cabo-verdianos”, o sujeito poético descrente relativamente à emigração para São Tomé e Príncipe, sem nenhum proveito aparente, num ato de revolta, elege através do mar uma nova largada, a uma terra prometida, à Holanda. Assim, numa assertiva linguagem, o sujeito lírico reitera a sua chegada e a ideia na concretização do vencer:

Holanda companheiros / chegamos / chegamos com barcos guildas nos olhos e desejos de vencer // (...) a seca o sol o mar a morna a morte a luta o luto / ao nos verem passar dizem que ultrapassamos os sonhos/ e o match é em nossa terra que vai terminar” (Ferreira, 1988, p. 231).

Noutro texto lírico, “Poema”, do escritor da mesma geração, Arménio Vieira, diferentemente dos sentidos que o mar agrega na *poesis* claridosa – “evasão, tragédia, grades da prisão” (Ferreira, 1988, p. 212), caminho para a emigração, sobretudo na poética de Jorge Barbosa e de Manuel Lopes, escolhe, de igual forma, o mar como convicção para reivindicar uma nova comunhão com a sua gente, questionando insistentemente quem teve as sensações do mar, numa sintonização com os nossos problemas, sem a eles fugir:

Mar! / Mar! // Quem sentiu mar? // Não o mar azul / de caravelas ao largo / e marinheiros valentes // Não o mar de todos os ruídos / de ondas / que estalam na praia // Não o mar salgado/ dos pássaros marinhos / de conchas/areia/ e algas do mar // Mar! // Raiva-angústia/ de revolta contida // Mar! // Silêncio – espuma / de lábios sangrados / e dentes partidos/ Mar! / do não-repartido/ e do sonho afrontado // Mar! // Quem sentiu mar? (Ferreira, 1988, p. 213-214).

Nestes fragmentos, verifica-se que o mar sempre deteve uma função preponderante na sobrevivência do povo cabo-verdiano, o que nos leva a conotá-lo como a própria vida. Diríamos mesmo que o mar encarnou muitos “santiagos” tal como na noveleta *O Velho e o Mar*, de Hemingway (2005). Além disso, literalmente, representa o próprio sustento de muitas famílias por causa dos seus recursos marinhos derivados da pesca artesanal e, hodiernamente, das atividades de lazer ligadas ao turismo refletindo uma comunhão harmoniosa entre o ser e a natureza.

Mar como elemento de subtração

Este mar que acrescenta, como descrito acima, motivo do ganha pão, também subtrai. Revisitemos duas obras de autores estrangeiros, o conto “*Saga*”¹, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e a novela *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway. Na primeira, Soren, pai de Hans, o protagonista, imprime uma acérrima discussão com o filho porquanto, de jeito nenhum, queria que este fosse marinheiro, pelo que o mar lhe subtraía os irmãos numa grande tempestade. Por isso, amaldiçoou-o e não queria que nenhum membro da sua família voltasse a ter o contacto com o mar. Por ironia do destino, o filho escolhe o mar e perde-o para sempre pois não o perdoou dessa traição. No segundo, este mesmo mar para que deixasse o velho Santiago extrair dele o seu sustento teria que demonstrar persistência, pois nada se conquista sem o esforço. Enquanto o velho pescador se definhava fisicamente no árduo labor marítimo, a narrativa demonstra-nos, por outro lado, como diz a tradição chinesa, “a persistência realiza o impossível”.

Nestas obras, o mar simboliza o próprio drama. Entre nós, quanta dor resultante da perda dos nossos entes queridos, que se aventuraram no mar, cuja verbalização se encontra espelhada na literatura em diversas gerações de poetas e romancistas, configurando-se, o mar, assim, um fenestre palco de tragédia.

No poema supracitado “Irmão”, de Barbosa, ainda que o mar se manifeste, como saída contra a inanição, através da pesca da baleia, simboliza também um não retorno à terra natal, pondo o sofrimento nos lábios dos que ficaram: “nessas viagens para a América/de onde às vezes os navios não voltam mais” (Ferreira, 1988, p. 91). Corresponde afirmar que o mar se afigura num lugar de tragédia e morte, provocando aflições nos que permaneciam em terra firme, cujas preces se destinavam a Deus em proteção dos seus marítimos. Porém, nem sempre estas súplicas eram atendidas. Quem o diga é Nhá Chica, mulher desposada pelo mar, referida no texto poético “Canção de Nhá Chica” do poeta Armando Lima Júnior: “Chica mulher rija / sete filhos para criar / perdeu seu marido no mar / Andou, mexeu, vendeu/ carregou e criou / sete filhos de parida (...)” (Ferreira, 1988, p. 241).

O drama da morte no mar é, na mesma proporção, referenciado pelos escritores da revista *Certeza*. Apropriemo-nos de um excerto do poema: “Maninho de Nhá Noca”, de

¹ In *Histórias da Terra e do Mar* de Sophia de Mello Breyner Andresen

António Nunes, um dos principais escritores da revista *Certeza*: “(...) Que choro é este na casa de Nhá Noca? / Maninho de Nhá Noca que morreu no mar(...) / o vapor foi afundando quando ia não sei para onde... / Zé di Nhô Pedro que mandou contar” (Ferreira, 1988, p. 134).

Este sofrimento é extensível ao romance *Chuva Braba* (1985), em que Nhá Joja, mãe do protagonista Mané Quim, revela-se consumida pela dor causada pela morte do filho Joãozinho no mar:

Miudinha, sumida debaixo de luto carregado, Nhá Joja parecia suportar cada vez menos o peso e a inutilidade da vida. Já não podia fazer outra coisa senão assistir perplexa, ao rodar dos dias e consumir-se na evocação do passado e, na saudade das suas mortes e dos dois outros filhos ausentes (pois continuava a não dar crédito ao boato de que Joãozinho morrera no mar) (Lopes, 1985, p. 29).

Ainda em termos romanescos, a tragédia marítima é revelada na ficção pelo escritor Henrique Teixeira de Sousa. Fazemos uso de uma passagem do livro *Ilhéu de Contenda*, capítulo XVIII, em que ficamos a saber que o mar foi o responsável pela vinda da personagem Nhá Mariquinha, mulher chilena, para ilha do Fogo com o seu marido, capitão de um baleeiro, porém causador da morte deste: “Não tinha ainda vinte anos quando perdeu o marido naquela viagem de *Sirena*. Chorou o seu Quim, mas nem por isso desamparou Nhá Mariquinha e se afastou dos outros um dia que fosse” (Sousa, 1978, p. 78-79). Tal drama se amplifica quando a dado momento da narrativa Soila, personagem do mesmo romance, adotada por Nhá Mariquinha, tivera o mesmo infortúnio.

Mesmo com essas vicissitudes, o homem cabo-verdiano não tem receio de o encarar. Tal bravura, nota-se, no romance *Chiquinho*, em que o protagonista estabelece uma relação análoga entre os perigos do mar, isto é, as suas adversidades, metaforicamente designado de gigantes para demonstrar o trabalho hercúleo que é dominá-lo:

O mar coalhado daqueles bicharrões e uma canoa investindo a remos. (...) . Lá dentro faziam a sua vida de servos, numa resistência imagens que não me deixaram admirar aquela heroicidade constante e apagada. As guerras de Roldão e os Doze Pares engoliam heroísmo obscuro da minha gente. E o mar era para mim um campo de batalha em que se lutava com gigantes enormes para se conquistar o amor da moça-do-mar. A terra não tinha um amor igual para premiar as guerras dos seus heróis (Silva, 1997, p. 58-59).

Nestas passagens analisadas, o mar transporta a imagética de uma personagem oponente, com vida própria, destruidora, capaz de eliminar aqueles que o ousarem dominar. Diríamos mesmo que o mar significa a própria destruição, espaço de perda e subtração, cuja superação só acontece ao herói, em oposição ao vilão, o próprio mar.

Por outra via, o mar é conotado como perda, não no sentido de subtração da vida (morte), mas no de morte parcial, psicológico e/ou moral (Medina, 2015). Este mar capaz de dar, levar o herói ao sucesso, em terras longínquas, com o seu esforço, também pode significar a frustração de uma emigração não tão bem-sucedida. Tal raciocínio encontra eco na emigração para o sul, neste caso, para São Tomé, cujos protagonistas foram os contratados, aqueles que ainda tiveram a sorte de regressarem à sua terra, porém, destituídos do seu orgulho de emigrante. Tomemos esta quadra do poema “Filho”, de Alcântara, pseudónimo de Baltasar Lopes: “Nicolau, menino, entra / Onde estiveste / Nicolau, que trazes a arrastar / o teu brinquedo morto? / (...)” (Ferreira, 1988, p. 113). Esta ideia acaba por espelhar-se nos poemas de Ovidio Martins (2015 [1963]), cuja esperança numa vida melhor e num regresso prometedores desmoronaram-se com a constatação da dura realidade que os rodeavam nas roças de São Tomé e Príncipe. Esta observação emerge do poema “Caminho Longe”: “(...) Caminho sem nome / caminho de mar / um violão a chorar (...)” (Martins, 2015 [1963], p. 49); e “A noite de São Tomé”: “O mar já não se reflete / nos nossos olhos / e as canções morreram / nas gargantas / Há a noite de S. Tomé... (...)” (Martins, 2015 [1963], p. 50).

Este mar remete-nos, ainda, a uma outra modalidade de emigração, menos prestigiante, a que foi narrada nalgumas páginas do capítulo XVII, do romance *Chiquinho*, quando o narrador se refere, por exemplo, às *dakarianas*, mulheres que acabavam por emigrar, a fim de trabalharem nos cabarés ao serviço do homem branco:

Maninha embarcou para Dakar no ‘Sol Nascente’. Na ponte ela teve de suportar a presença de toda aquela gente que foi despedir-se das raparigas da vida que iam procurar freguesia na cidade francesa. Aquela gente não via que Maninha é virgem, que o tubarão não gozou a sua virgindade? Não viram, não. Nem sequer adivinharam que Maninha só queria Alcides, e lhe prometia o seu amor no olhar longo que lhe deitava, quando ele passava, tímido e enamorado, pela sua porta. Uma voz isolada vem descendo a rua, a cantar. Há uma tragédia de amor que baila na voz aguardentada do cantador (Silva, 1997, p. 127-128).

Na poética de Jorge Barbosa, este tema transparece no poema “Prostíbulo”, o qual está, igualmente, associado ao mar e aos estrangeiros:

Era a primeira vez / que vinha / dançar / à marinhagem dos vapores / aquela preta infantil // Seu corpo nu / grácil / que não chegou ainda / à adolescência / estremece / num ritmo / bárbaro / e quente / aos olhares / daquela gente / estrangeira (...) (Barbosa, 1989, p. 104).

Analogamente, esta temática sobressai no texto “Nocturnos”, de Manuel Lopes: “(...) Rapariguinha solitária/- quinze gastas primaveras - / o que que esperas olhando/ olhando a noite extraordinária/ e o mar macio?” (Ferreira, 1988, p. 103).

Mar como elemento de confidencialidade

Similarmente a outras culturas, o mar, em Cabo Verde, é mencionado na sua acepção de confidencialidade. Na verdade, como confidente, o sujeito lírico manifesta o seu estado psicológico, interpelando-o e (cor)responsabilizando-o pela situação vivenciada no momento intemporal das suas mais diversas verbalizações líricas.

Se nos recuarmos à tradição literária peninsular (galego-portuguesa), havia um subgénero literário das cantigas trovadorescas – as barcarolas ou marinhas – em que o mar simbolizava o cenário de encontro da donzela com o “amigo.” Entretanto, com a demora e a ausência deste, o sujeito confiava ao mar as suas mais íntimas inquietações, animizando-o. Na literatura e na música cabo-verdianas, o mar emerge neste sentido, a título ilustrativo, podemos apontar a composição “Canção ao mar” (Tavares, 1987, p. 13), do trovador Eugénio Tavares (1969), poeta e compositor bravense, interpretado na morna, hoje património imaterial da humanidade.

Trata-se de uma composição em que o sujeito poético interpela o mar responsável pela dor da ausência do amado, dotado de vida própria, capaz de se opor aos desejos do sujeito lírico: “(...) Que mal te fiz oh mar, oh mar / Que ao ver-me pões-te a arfar, a arfar / Quebrando as ondas tuas / De encontro às rochas nuas”. (Tavares, 1987, p. 13). É exatamente este mar inimigo, causador de sofrimento, o objeto concomitante de súplica e esperança: “Suspende a zanga um momento e escuta / A voz do meu sofrimento na luta / Que o amor ascende em meu peito desfeito / De tanto amar e penar, oh mar” (Tavares, 1987, p. 13). Aqui, o mar de oponente passa à adjuvante na medida em que, como confidente, só ele é capaz de trazer boas notícias, isto é, novas do amado: “Dá-me notícias do meu amor / Que um dia os ventos do céu, oh dor / Os seus abraços furiosos, levaram / Os seus sorrisos invejosos roubaram”. (Tavares, 1987, p. 14). Assim, em constantes interpelações, “oh mar”, este revela-se, por um lado, culpado pelo sofrimento do “eu” lírico e, por outro lado, foco de esperança, sendo, por isso, paradoxal. É um mar que

obstaculiza, porém, também, desobstaculiza, ao tornar-se um ser mensageiro: “Roubaste-me a luz querida do amor / E me deixaste sem vida no horror / Oh alma da tempestade amansa / Não me leves a saudade e a esperança” (Tavares, 1987, p. 14).

Outras composições são, na mesma proporção, reveladoras dessa confidencialidade, ainda que noutras áreas, como na morna cabo-verdiana. Revisitemos, em jeito elucidativo, o excerto do compositor Pereira (2014), intitulado “Mar nha confidente”, em que o mar serve de depositário do estado psicológico do sujeito poético em relação ao seu sofrimento por causa de um amor não correspondido, amor este contraditório na perspectiva do “eu” lírico: “ó mar, pára e ouve o meu lamento / para ouvires o meu lamento / Ouve bem, mar, não te ris / deste meu enorme sofrimento.” (Pereira, 2014).

Mar enquanto elemento caracterizador da nossa identidade

O mar, de acordo com Medina (2015), no seu artigo “A libertação do mar. Errâncias do imaginário”, sempre esteve no nosso encaicho. Conforme referido anteriormente, faz parte da nossa forma de ser e estar como cabo-verdiano. Graças ao mar, somos o que somos, como povo, com uma identidade que nos é própria, ainda que o termo identidade seja “um construto movediço”, nas palavras da crítica literária Fátima Fernandes (2013), por conseguinte, nem sempre consensual na sua conceptualização.

Se revisitarmos a história da formação da nossa cultura, o mar serviu, por um lado, de caminho que permitiu o homem branco e a mulher negra chegarem a Cabo Verde, por outro, isolou-os durante muito tempo no mesmo espaço geográfico, possibilitando-lhes cozinhar traços identitários que nos são únicos – o homem mestiço, o cabo-verdiano, isto é, a mestiçagem na ótica do ensaísta Gabriel Mariano (1986). Tudo foi possível graças a esse mar que nos liga aos outros e que nos faz islenho. Por isso, falar da nossa identidade, como povo, implica necessariamente referir-se ao mar. Este mar que nos separa do outro, de igual forma, liga-nos ao outro e está na nossa génese. Dadas as secas cíclicas e, consequentemente, as fomes tanto retratadas na moderna literatura cabo-verdiana, quer na lírica, quer na ficção, a partida era vislumbrada como o único meio para satisfazer as necessidades emergentes. No entanto, ida, estava, igualmente, subjacente a ideia de regresso. Tanto uma como outra eram possíveis graças a esta ponte, o mar. É nesta ótica que o ensaísta Margarido realça que:

A presença do elemento partida na literatura cabo-verdiana é um símbolo que ultrapassa largamente a evasão pela evasão. O cabo-verdiano, como vimos já se encontra ligado ao seu arquipélago. A sua vida decorre em função da sua estrutura humana onde nasceu e foi criado. Dificilmente poderíamos aceitar uma explicação de conteúdo etnobiológico para explicação cabal dessa atitude. Nem, de resto, poderia explicar, desse modo, a necessidade de regresso que todo o cabo-verdiano sente de um modo ou de outro. Regresso físico ou, então, regresso vivido através do contacto com os valores ilhéus: a morna, a culinária, o dialeto. (Margarido, 1980, p. 406).

O mar realmente faz parte da nossa idiossincrasia. Está impregnado em todas áreas de atividade cabo-verdiana, como afirmado. Na nossa música, despoleta associado aos temas da partida e da saudade, pois o mar, ao ser obstáculo e caminho, separa-nos de outros mundos e da nossa “*cretcheu*” (amada) que muitas vezes fica para trás nesta busca incessante de melhores condições de vida através da emigração. A este propósito não nos olvidemos as sábias palavras do escritor moçambicano Mia Couto: “O mar é o habilidoso desenhador de ausências” (Couto, 2008, p. 26).

Em termos sintagmáticos, o signo mar adiciona-se a outros signos, formando lexias as quais ganham um sentido diferente. Não nos é estranho, em Cabo Verde, nas nossas relações quotidianas e interpessoais, escutar a expressão “*mar de sodade*” amplificando consideravelmente o sentimento da saudade. Na gastronomia, está igualmente representado. Basta entrarmos num restaurante para observarmos as ementas do dia, a maior parte delas relacionada ao mar. Na toponímia cabo-verdiana também sobressai. Assim, observamos escrito “*Fund d’Mar*” (restaurante), “*Mar d’canal*” (embarcação), “*Mar Mimoso*” (supermercado)...Como se isso não bastasse, este mar está omnipresente nas manifestações culturais, como nas carnavalescas, por exemplo, tendo sido, na maior parte das vezes, tema predominante dos desfiles.

Se verificarmos, por outro via, um dos símbolos que mais representa o nosso patriotismo, a bandeira, a cor azul aparece em maior proporção simbolizando precisamente o mar. No hino nacional, o mar emerge realçando, por um lado, a esperança do homem cabo-verdiano em dias melhores e revelando, por outro, a sua eterna e fixa presença através do item “abraçar”: “(...) A esperança é do tamanho do mar/ que nos abraça/ Sentinelas de mares e ventos (...)” (Constituição da República de Cabo Verde, 2010, p. 173).

Mar como elemento provocador da evasão

O conceito de evasão tem sido desde longo tempo discutido na literatura cabo-verdiana, sobretudo a partir da publicação da revista *Suplemento Cultural*, em 1958, (Silveira, 1963; Semedo, 1995; Ferreira, 2019), em que os escritores da citada revista, principalmente sob a pena de Silveira (1963), no seu ensaio *Consciencialização na Literatura Cabo-verdiana*, apelidaram a geração que lhes precedeu de evasão, embora, dado o contexto vivenciado na altura, sem razões aparentes (Ferreira, 2019). Sem entrarmos nesta polémica, gostaríamos de realçar que, na verdade, muito da lírica e ficção cultivadas pelos modernistas claridosos trazem marcas dessa evasão, sendo o mar, o principal semema responsável pelas viagens oníricas e ou imaginárias.

Apropriemo-nos de alguns excertos os quais se associam à ideia de viagem onírica. Encetemos com esta passagem extraída do romance *Chiquinho*, do capítulo XXXI, em que o protagonista, ainda na primeira parte da obra - *Infância* -, após ter ouvido histórias da ilha do Porto Grande, demonstra um acérrimo desejo em conhecer esta ilha de que toda a gente fala.

Mas tinha vontade de conhecer S. Vicente. Era a ilha que eu sentia da Praia Branca, quando estive com meu tio para além da cintura do mar. São Vicente era para mim a terra em que a civilização do mundo passa em desfile. Estava farto de ouvir falar do Porto Grande, no seu movimento, nos vapores de trânsito, nas imagens da Europa que passeiam pela cidade. Queria ver o mundo. Eu não sentia o ímpeto inquieto de Chico Zepa, de embarcar fugido num vapor para percorrer os quatro cantos do mar, mas possuía espírito de aventura suficiente para ir para São Vicente (Silva, 1997, p. 83).

Na obra *Chuva Braba*, Lopes atribui grande valor a esta problemática. Realmente, um aspeto marcante do romance diz respeito ao querer bipartido, *o ter que partir e o querer ficar* ou vice-versa, porquanto o protagonista, Mané Quim, ao ser confrontado pelo convite do padrinho Joquinha para a emigração para o Brasil, quase que se fragmenta psicologicamente e vivencia um colossal dilema que se amplifica gradativamente à medida em que se perfilam dois pólos antagónicos, representados por dois blocos de personagens, os telúricos e, concomitantemente, enraizados, cujo defensor-mor é Nhô Lourencinho (a este se juntam Zé Viola, Nhá Joja, Escolástica, Nené e Nhô Vital) e os a favor à emigração, encabeçado pelo próprio Joquinha (a quem se pode juntar Nhô João Joana, Mariano, Nhô Bexugo, Nhô Sansão e Nhô André). Deste segundo bloco, podemos apontar ainda os evasão, por excelência, cuja volição para emigração ficava simplesmente nos recônditos sonhos. Tomemos, como exemplo, este fragmento da obra

Chuva Braba, em que Mariano, amigo de Mané Quim, confessa a aspiração de partir, porém, sem ter em proporção semelhante a oportunidade do camarada.

Sua vida era uma luta contínua dia e noite, com o mar. Amava o mar e tudo quanto ficava no fim do caminho do mar. Mas era o mar longe que ele amava. Viajar a bordo de um vapor qualquer - desses vapores vagabundos, ao Deus dará, - falar estrangeiro, fumar canhoto com tabaco perfumado, calmamente meter uma bucha na boca de vez em quando deitar-se de bruços no convés e ir sonhando (...) (Lopes, 1985, p. 139).

No romance *Ilhéu de contenda*, de Teixeira de Sousa, apercebemo-nos dessas viagens imaginárias, através do desabafo de Nhá Mariquinha no momento em que contemplava uma fotografia de um navio, o qual lhe fazia lembrar a sua terra natal, o Chile:

Aún te gusta eso, Eusébio? – Perguntou Nhá Mariquinha apontando o cajado para a barca Yucon.
- Muito, muito, era uma bela barca.
Siempre te há gustado, desde niño. Fué la barca de mi destino.
E repetiu como em solilóquio, abanando a cabeça.
- Fué la barca de mi destino (Sousa, 1978, p. 88).

Na lírica cabo-verdiana, Barbosa é, indubitavelmente, o poeta considerado evasionista (Rodrigues, 1989). Senão vejamos. No seu poema *Você Brasil*, declara-se um exímio conhecer daquele país, sem nunca lá ter estado. Por um lado, enceta, através da poética, um diálogo profícuo com o escritor brasileiro Manuel Bandeira, a quem se confessa estar preocupado e por via disso dedica-lhe alguns textos, cujo poema “Estrela da manhã” é um exemplo manifesto. Por outro lado, em poemas como “Regresso”, o poeta deixa bem patente as suas fantasias sobre as viagens oníricas:

Navio aonde vais / deitado sobre o mar? / aonde vais / levado pelo vento? /
Que rumo é o teu / navio do mar largo? / Aquele país talvez / onde a vida / é
uma grande promessa / e um grande deslumbramento / leva-me contigo / navio
/ Mas tornar-me a trazer! (Barbosa, 2002, p. 122).

Neste texto, em particular, em interpelações constantes, deixa patente o seu ensejo - ser o navio sobre o mar para poder conhecer outras latitudes e, em seguida, regressar à sua terra natal. Tomemos mais um exemplo paradigmático desta verbalização intelectualizada, através do poema “Emigrante”:

Quando eu puser os pés no vapor que me levará, / quando deitar os olhos para trás / em derradeiro gesto de desprendimento, / não chorem por mim. // Levarei numa pequena mala/entre a minha roupa amarrotada de emigrante/ todos os meus poemas/ - todos os meus sonhos! // Levarei as minhas lágrimas comigo / Mas ninguém as verá/ Porque as deixarei cair pelo caminho / Dentro do mar. // Levarei já nos olhos a miragem de outras paisagens/que me esperam, / já no coração o bater forte / de emoções que eu pressinto.// E se eu voltar / se voltar para a pobreza da nossa terra, / tal como fui,/humilde e sem riquezas, / também não chorem por mim / não tenham pena de mim. / Mas se eu trazer esse ar de felicidade / que fica a arder na chama de charutos caros / que cintila em pedrarias de anéis vistosos / se anuncia em risadas ruidosas / e se garante na abundância das cifras bancárias, / então chorem por mim / tenham pena de mim, / porque a pequena mala do emigrante que fui, // com os meus poemas - os meus sonhos! -/ ficou esquecida como cousa inútil / como peso inútil,/ não sei em que parte do mundo! (Barbosa, 2002, p. 120).

Esta manifestação, permanente de evasão na poética de Barbosa, é uma necessidade, que se designaria ontológica, pelo que este ensejo se confunde com o próprio respirar do poeta. O texto “Poema do Mar” simboliza no seu grau máximo esta ideia: “(...) O drama do mar / O desassossego do mar / sempre / sempre / dentro de nós” (Ferreira, 1988, p. 97).

O ensaísta Manuel Veiga é bastante elucidativo, a este propósito, ao assumir que, para o poeta:

O mar é o drama, mas é sobretudo esperança. O signo mar é extremamente rico de sentido, na poesia de Jorge Barbosa. Por mais que se diga dele, há sempre algo que fica por ser dito. Talvez é a sua grandeza (consubstanciada na poesia de Jorge Barbosa) que torna inesgotável a sua caracterização (Veiga, 1986, p. 38).

No livro *Caboverdianamente Ensaindo I*, o crítico literário cabo-verdiano Brito Semedo chama-nos atenção sobre a poética barbosiana, relativamente à relevância deste tema, ao proferir que:

Jorge Barbosa, para além de sempre ter vivido no arquipélago de Cabo Verde, no meio do Atlântico e na interseção de dois mundos, desterrado da Europa e da África, sem continente, insular, no próprio domínio da cultura, residiu durante vários anos na ilha do Sal como quadro dos serviços aduaneiros. Esta circunstância fazia comparar-se aos encarcerados, o que se reflete na sua poesia, com o desespero de querer partir e ter de ficar (Semedo, 1995, p. 42-43).

O excerto põe tónica na problemática da insularidade e a estadia do poeta numa ilha durante um longo período de tempo como condições para esse desejo constante de fuga da realidade.

Este dilema barbosiano é alimentado pelo signo mar, causador do enclausuramento. Para este poeta, o mar e a ilha seriam as grades e a prisão respectivamente e o poeta o prisioneiro. “Pobre de mim que fiquei detido também/ na ilha tão desolada rodeada de mar! (...) as grades também da minha prisão” (Barbosa, 1989 p. 113).

Outros poetas fizeram da evasão o motivo tema das suas composições. É o que se apercebe nos dois excertos infra da lírica do claridoso Manuel Lopes, com os textos intitulados “Cais” e “A Garrafa”, respectivamente:

Nunca parti deste cais / e tenho o mundo na mão! / Para mim nunca é demais / responder sim / cinquenta vezes a cada não // Por cada barco que me negou / cinquenta partem por mim / Mundo pequeno para quem ficou... // Mundo pequeno para quem ficou... (Ferreira, 1988, p. 104).

Que importa o caminho/ da garrafa que atirei ao mar? / que importa o gesto que a colheu? / Que importa a mão que a tocou? / - se foi a criança/ ou o ladrão / ou o filósofo / quem libertou a sua mensagem / e a leu para si e para os outros? // (...) // ... se só de atirá-la às ondas vagabundas / libertei meu destino / da sua prisão? (Ferreira, 1988, p. 105).

No primeiro, emerge a ideia de a condição de ser um homem ilhéu o suficiente para se sentir aprisionado, cujo sentimento se amplifica gradativamente com a negação da viagem física, porém resolvida com a sensação de evasão em nome daqueles que partem. No segundo, o “eu” poético não se importa com o destinatário da mensagem aprisionada na garrafa, por ele, atirada ao mar, outrossim com a sensação de libertação por meio da sua leitura. Neste sentido, o sujeito poético coisifica-se na mensagem para dela poder se evadir.

Considerações finais

Após esta incursão na literatura cabo-verdiana, perscrutando os mais diversos sentidos que o mar congrega na poética e na ficção cabo-verdianas, chegamos à conclusão de que ainda nos encontramos em mar alto, porquanto muitas das obras e autores estão atracados algures à espera de um capitão que os faça navegar a fim de os descodificar. No entanto, estudamos um tema bastante pertinente que, estamos em crer, poderá vir a granjear uma atenção mais aprimorada.

Em vista dessas referências analisadas, sejam ficcionais, sejam líricas, verificamos que o mar, analogamente à sua imensidão (Veiga, 1989), carrega uma multiplicidade de sentidos que, em termos metafóricos, correspondem, de entre outros, à própria vida,

ganha-pão, evasão, partida nos sentidos real e imaginário, regresso, insularidade, morte física e psicológica, drama, sonho, confidente, convicção, companheirismo, alma cabo-verdiana.

Para finalizar, assinalamos, a partir de Ferreira (1988), um conjunto de poetas cabo-verdianos, de e ulteriores à *Claridade*, que fizeram do mar motivo tema das suas verbalizações líricas, ora utilizando a palavra sob a forma de signo maior, ora sob sememas, como marinheiros, capitães, naufrágios, viagens, navios, regresso, ilha, os quais não escaparam às suas inspirações líricas. Não os inserimos na nossa análise por questão de dimensão do artigo. Porém, podem ser objeto de futuras pesquisas. Assim, apontamos, nesta ordem cronológica, Arnaldo França, com “Dois poemas do Mar”, “Paz”; Tomás Martins, com “Poema para tu decorares; Aguinaldo Fonseca, com “Herança”; Onésimo Silveira, com “Quadro” e “Hora Grande”; Terêncio Anahory, com “Porto Grande”; Yolanda Morazzo, com “Barcos”; Aguinaldo Fonseca, com “A ilha, o luar e a solidão”, “Taberna à beira-mar”; Gabriel Mariano, com “Sabará Passará”; Ovídio Martins, com “Reis da Baía”; Teobaldo Virgílio, com “Jangada”, “Muro” “Prisioneiro”; Luís Romano, com “Móóóia”; Daniel Felipe, com “Ilha”, “Preia-Mar”, “Anseio” e “Carta para longe”; Ronaldo Vera Cruz, com “Interrogação para Longe”; Dante Mariano, com “Comunicado nº 2”, Tacalhe “Emigrante”; Daniel Felipe, com “Ilha”, “Anseio”, “Navio Pirata”, “Morna” e “Carta para Longe”, entre outros.

Em suma, parece-nos evidente, tal como afirmara, sob forma de tese, o ensaísta Alfredo Margarido (1980) e do que ficou, de resto, demonstrado na nossa análise, a literatura cabo-verdiana é, de facto, marítima, com ressalvas raras. Corroboramos, igualmente, o pensamento do poeta Jorge Barbosa de que o mar está em “tudo e dentro de nós”. Por isso, muito dos saberes enciclopédico e axiológico do ser cabo-verdiano advêm dessa quotidiana convivência e relação com o mar. Mar este que une o arquipélago, porém, também nos torna diverso, pois faz com que cada ilha seja uma, com as suas próprias especificidades.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. **Mar Morto**. Editora Schwarcz. S.A, 2012.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Histórias da Terra e do Mar**. 1 ed. Porto Editora, 2017.

BARBOSA, Jorge. **Poesias I**. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco. Rua 5 de Julho. Praia. Cabo Verde, 1989.

BARBOSA, Jorge. **Obra Poética**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002.

CABO VERDE, Constituição. **Constituição da República de Cabo Verde**. 2ª revisão ordinária. Boletim Oficial - Suplemento, I Série - Número 17 de 3 de Maio de 2010 (Retificado pelo BO nº 28 de 26 de Julho de 2010, I Série), 1995.

CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Companhia Editora do Minho. A.S. Barcelos, 1999.

COUTO, Mia. **Venenos de Deus, remédios do Diabo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FERREIRA, Manuel. **No Reino de Caliban I. Antologia panorâmica de poesia africana de expressão portuguesa**. v. 1. Cabo Verde e Guiné Bissau. 3ª Edição. Plátano Editora, 1988.

GONÇALVES, António Aurélio. **Noite de Vento**. 2 ed. Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1989.

HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar**. Editora Bertand-Brasil. Rio de Janeiro. Edição 50, 2005.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Federico Lourenço. Lisboa. Cotovia, 2003.

HOMERO. **Iliada**. Tradução de Federico Lourenço. Lisboa. Cotovia, 2005.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Universidade Aberta, 1995.

LONDON, Jack. **O Lobo e Mar**. Tradução de Daniel Galera. 1 ed. Rio de Janeiro. Zahar, 2015.

LOPES, Manuel. **Chuva Braba**. 4 ed. Edições 70. Lisboa, 1985.

LUZ, Hilarino Carlos Rodrigues da. O Papel da Seca e da Pesca da Baleia na Emigração Cabo-verdiana para os Estados Unidos da América. **CHAM, Departamento de Estudos Portugueses**, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 2020.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos Sobre Literaturas de Nações Africanas de Língua Portuguesa: a regra do jogo**. Edições Lda. Lisboa, 1980.

MARIANO, Gabriel. **Oswaldo Alcântara, o caçador de heranças: ensaios**. Mindelo: Ponto e vírgula edições, 1991.

MARTINS, Ovídio. **Caminhada**. Editorial Minerva. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015.

MEDINA, Daniel. **A libertação do mar**. Errâncias do imaginário. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2015, p. 170-181. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13423.pdf>

PESSOA, Pessoa. **Mensagem**. Edição Fernando Martins. Assírio e Alvim. 2004 [1934].

PEREIRA, Joloca Feijoó. **Letras e Cifras**, 2014. Disponível em: <https://www.humbertoramos.net/cifras/mar-nha-confidente-eugenio-tavares>.

RODRIGUES, Elsa. **Máscaras Poéticas de Jorge Barbosa e a Mundividência cabo-verdiana**. Caminho, 1989.

ROMANO, Luís. **Famintos**. Lisboa: Nova Aurora, 1975.

SEMEDO, Manuel Brito. **Caboverdianamente Ensaando**. Ilhéu Editora. 1995.

SEMEDO, Manuel Brito. **Esquina do Tempo**: as ilhas do meio do mundo. Expresso das Ilhas nº 782 de 23 de novembro de 2016. Disponível em <https://expressodasilhas.cv/cultura/2016/11/29/esquina-do-tempo-as-ilhas-do-meio-do-mundo/51053>

SILVA, Baltasar Lopes da. **Chiquinho**. Autor e Edições Calabedochte. São Vicente, 1997.

SILVEIRA, Onésimo. **Consciencialização na Literatura Cabo-verdiana**. 1 ed. Casa dos Estudantes do Império. Lisboa, 1963.

SOARES, Martinho Guilherme Fonseca. Poseidon e a representação do mar em a *Iliada* de Homero. **Cadernos de Clio**, Curitiba, v. 7, n. 1, 2016.

SOUSA, Henrique Teixeira de. **Contra Mar e Vento**. Editora Prelo. Lisboa, 1972.

SOUSA, Henrique Teixeira de. **Ilhéu de Contenda**. Publicações Europa-América, 1978.

SOUSA, Henrique Teixeira de. **Ó Mar de Túrbidas Vagas**. Lisboa. Plátano, 2005.

VEIGA, Manuel. Signos e Símbolos em Jorge Barbosa: uma tentativa de análise semiológica. Comunicação apresentada no Simpósio Internacional sobre a Cultura e a Literatura Cabo-Verdianas. Mindelo 24-27/11/ 86, no âmbito do 50º Aniversário da Revista Claridade. In: BARBOSA, Jorge. **Poesias I**. Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco. Rua 5 de Julho. Praia. Cabo Verde, 1989.

VIRGÍNIO, Teobaldo. **Do Mar do Chão dos Teus Pés**. EUA: Ruben de Mel, 1995.

TAVARES, Eugénio. **Músicas de Cabo Verde**. Gráficas do Mindelo Lda. São Vicente. 1987.

Recebido em: 02/02/2024.

Aprovado para publicação em: 27/06/2024.